

A Revista da Liga Andaluza de Letras Árabes: uma história em quatro atos¹

Matheus Menezes²

Resumo: A imprensa árabe na América Latina foi um fenômeno de grande proporção, havendo registro de periódicos produzidos por imigrantes árabes em praticamente todos os países latino-americanos que receberam números significativos de imigrantes árabes. O Brasil, por sua vez, foi um dos países em que esse fenômeno se apresentou de maneira mais pujante. Esse artigo possui o intuito de escrutinar a história de um dos mais importantes periódicos inseridos nesse contexto: *A Revista da Liga Andaluza de Letras Árabes*. A publicação em questão foi um periódico literário editado na cidade de São Paulo, que veiculou entre 1935 e 1953. Criada por uma parcela de imigrantes árabes, a revista buscava consolidar um espaço de produção e difusão da literatura árabe, além de fortalecer a identidade cultural da comunidade. O periódico teve três fases distintas: os anos iniciais (1935-1939), os anos intermediários (1939-1941) e os anos finais (1947-1953). Com base nos editoriais lançados em momentos decisivos da trajetória da revista — início, hiato, retomada e término da publicação — busca-se traçar a história desse importante periódico. Através das próprias palavras dos editores do jornal é possível delimitar uma linha cronológica dos eventos marcantes que compuseram a história desse que pode ser considerado um dos mais importantes veículos de imprensa da diáspora árabe latino-americana.

Palavras-chave: *Revista da Liga Andaluza de Letras Árabes*; Literatura Árabe; Imigração Árabe; Literatura; Diáspora.

THE JOURNAL OF ANDALUSIAN LEAGUE: A HISTORY IN FOUR ACTS

Abstract: The Arab press in Latin America was a phenomenon of great magnitude, with records of periodicals produced by Arab immigrants in virtually all Latin American countries that received significant numbers of Arab immigrants. Brazil, in particular, was one of the countries where this phenomenon was most prominent. This article aims to scrutinize the history of one of the most important periodicals within this context: The Journal of Andalusian League. This publication was a literary periodical edited in the city of São Paulo, circulated between 1935 and 1953. Created by a segment of Arab immigrants, the magazine sought to establish a space for the production and dissemination of Arabic literature, as well as to strengthen the cultural identity of the community. The periodical had three distinct phases: the initial years (1935-1939), the intermediate years (1939-1941), and the final years (1947-1953). Based on editorials published at key moments in the magazine's trajectory — its inception, hiatus, resumption, and conclusion — this study aims to trace the history of this significant periodical. Through

¹ Parte desse texto reproduz trechos da dissertação “Legado de um Certo Oriente: A Revista da Liga Andaluza de Letras Árabes (1935 - 1953)”, defendida em setembro de 2024.

² Mestre em Estudos da Tradução pelo PPG LETRA - USP (Letras Estrangeiras e Tradução). Atualmente é bolsista da Cátedra Edward Said, da UNIFESP (Universidade Federal de São Paulo). Email: matheusm68@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1473-0675>.

the very words of the newspaper's editors, it is possible to outline a chronological account of the major events that shaped the history of what can be considered one of the most important press vehicles of the Arab diaspora in Latin America.

Keywords: *The Journal of Andalusian League*; Arabic Literature; Arabic Immigration; Literature; Diaspora.

Introdução

É notável que atualmente exista um campo do saber consolidado que se dedica ao estudo dos fluxos migratórios árabes no Brasil. Pode-se identificar o início desse movimento entre a década de 60 e 70, com estudos de Knowlton (1965), Jorge Sáfady (1972) e Alphonse Nagib Sabbagh (1978). Desde então, o fluxo desses estudos tende a se intensificar, sobretudo se pensarmos na década de 1990 e 2000, que viram nascer pesquisas de fôlego sobre a diáspora árabe no Brasil.

Apesar de todo esse esforço, ainda há lacunas a serem preenchidas nesse campo, sobretudo se pensarmos no lado cultural da imigração árabe. Isso porque grande parte das pesquisas citadas acima possuem foco em perspectivas sociológicas e históricas, havendo menos estudos de fôlego sobre as ramificações culturais deixadas por essa diáspora. Ao tomar a Revista da Liga Andaluza, um dos principais periódicos da comunidade árabe latino-americana, como objeto de estudo, busca-se justamente jogar luz à parte desse legado intelectual e literário. Mas antes de entrarmos na análise da revista, convém traçar um panorama histórico de eventos que moldaram o panorama cultural árabe na modernidade, e que, direta e indiretamente, culminaram na criação da *Revista da Liga Andaluza*. Dito isso, nas páginas seguintes será feita uma breve descrição sobre dois eventos fundamentais para ser possível começar a pensar em cultura árabe moderna, a *Nahda*, vulgarmente chamado de “Renascimento Árabe” e o *Mahjar*, comumente entendido como uma extensão e continuação da *Nahda* em territórios americanos. Nessa exposição inicial, busca-se traçar não só uma descrição desses eventos, como também entender suas implicações no pensamento árabe e na produção literária em língua árabe. Após esse primeiro momento, a *Revista da Liga Andaluza* será tomada como foco, através dos próprios editoriais presentes na revista será traçada sua história.

Com isso, busca-se evidenciar os antecedentes históricos que levaram à criação da publicação para então fazer um panorama amplo dessa publicação, contando seus movimentos de idas e vindas, ao passo em que se apontam suas principais tendências editoriais.

A *Nahda* e a restauração de uma cultura

O termo *Nahda*, que é amplamente traduzido como “Renascimento”, faz alusão a um momento histórico em que o atrito entre Oriente e Ocidente traria mudanças irreversíveis para os territórios árabes. Mas antes de destrinchar o assunto, vale uma pequena digressão acerca do termo e sua tradução. Na língua árabe, a raiz desse termo não diz respeito ao renascimento de algo, mas ao despertar. Desta raiz se forma o verbo

nahaḍa³ (نهض), que significa o despertar em sentido amplo, seja mais abstrato, como o de uma nação ou de uma consciência, ou ainda no sentido mais concreto, como despertar de um sono profundo. Quanto ao termo “renascimento”, é conveniente colocá-lo em discussão pois a equivalência aparente entre os dois termos pode nos induzir ao erro de interpretação, na medida em que ao pensarmos em “renascimento”, é provável que sejamos levados diretamente ao Renascimento europeu, entre os séculos XIV e XVII, momento histórico com pouca, para não dizer nenhuma, relação com a *Nahda*.

Dito isso, a *Nahda* foi um fenômeno muito abrangente e de difícil delimitação temporal, sobretudo quando pensamos no seu fim. Não há um consenso quanto ao término de suas realizações, embora geralmente seja fixado como um ponto razoável para fazer alusão ao seu fim o pós-guerra europeu (Pormann, 2006, p.4). Em contrapartida, seu início é melhor delimitado, sendo o ano de 1798, com a invasão do Egito por Napoleão, quando os ideais da modernidade europeia aos poucos vão adentrando esse território e sendo reforçados através de outros eventos, como a invasão e a colonização da Argélia pela França, em 1830. Neste período histórico, o mundo árabe, que vira em seu apogeu uma pujança literária, passava por certo momento de declínio, tanto que a historiografia árabe chama o período entre o fim do Império Árabe e a invasão de Napoleão como *inḥiṭāt* (انحطاط), que pode ser traduzido literalmente como declínio ou decadência. Pode-se apontar a invasão de Bagdá pelos mongóis como pontapé inicial para o declínio, sendo seguida por uma série de eventos históricos que enfraqueceram a hegemonia dessa potência, como a gestão turco-otomana do Império Árabe, e, posteriormente, a queda de Al-Andalus (Cachia 2002, p. 103).

Atualmente, a visão deste período histórico como o declínio total da sociedade árabe está em disputa, uma vez que muitas áreas do saber não se encontravam em franca decadência, como aponta o livro organizado por Hess (2017) ao evidenciar que havia uma intensa produção intelectual em territórios árabes, como por exemplo os escritos do já citado Ibn-Khaldun e de Ibn-Battuta. Apesar das controvérsias, ao se tratar da literatura há um consenso maior de que este período de fato representou o enfraquecimento da literatura árabe enquanto sistema literário pungente, inovador e relevante, o que a posicionou em uma estagnação de temas e formas literárias. Até mesmo os que enxergam com maus olhos a noção estigmatizante de “declínio”, apontam para o fato de a literatura ser menos valorizada no período, como por exemplo Paul Starkey, que diz: “Parece ter havido uma mudança no foco de muitos dos escritores mais criativos do período, afastando-se da ‘literatura’ no sentido moderno e em direção a campos relacionados da história, da geografia e ciência da religião” (Starkey, 2006, p.17). Ou seja, a literatura foi, em alguma medida, deixada em segundo plano ao longo desse período.

Essa sanha renovadora não se deu de maneira homogênea, o atrito entre modernidade europeia e tradição do pensamento árabe acarretou conflitos e disputas intelectuais. De modo geral, cristãos e muçulmanos se relacionaram de maneira distinta com os processos de modernização. Patel separa as múltiplas visões em torno da *Nahda* em três abordagens distintas (Patel, 2013, p. 17): a primeira delas se trata de uma abordagem tradicionalista, composta basicamente por setores muçulmanos mais conservadores, que viam as mudanças trazidas pelo Ocidente de forma bastante negativa, e que olhavam para o passado como fonte de inspiração para as reformas

³ A transliteração dos termos em árabe foi norteadas pelos pressupostos de Jubran (2004).

sociais da modernidade islâmica; a segunda seria o oposto radical, os modernizadores, que aceitavam amplamente as reformas sob o prisma do Ocidente e que alegavam superioridade europeia em vários âmbitos, portanto, copiar a fórmula os levaria ao progresso. Essa vertente era composta primordialmente por setores cristãos, embora não resuma a totalidade do pensamento intelectual do cristianismo árabe. Por fim, havia um meio termo entre os dois pólos, os reformistas, muçulmanos que enxergavam no Ocidente inspiração para reformas estruturais sem deixar de lado a tradição islâmica; sendo assim, havia a intenção de unir a tradição à modernidade. Nas palavras de Patel:

No fundo, o reformismo estava ligado à tradição, o seu objetivo principal era salvaguardar o Islã e, como movimento revivalista, não era muito mais do que um conservadorismo esclarecido, equipado com uma consciência mais racional da sua situação e necessidades, procurando modernizar o Islã tradicional (ibid).

Já no âmbito literário, a dicotomia tradição e modernidade também se apresenta de maneira pungente, na medida em que autores historicamente discordam sobre as influências da literatura ocidental e o impacto dessa influência na continuidade da historiografia literária árabe. Reuven Snir (2023) traz um amplo debate sobre essa temática. A partir de uma longa bibliografia, o autor traça um interessante debate sobre os limites da influência europeia no sistema literário árabe. Com isso, explicita-se que o impacto da *Nahda* se deu de maneira bastante profunda no mundo árabe, representando um ponto paradigmático para sua história recente. Por fim, explicita-se também que os desdobramentos da *Nahda* não se deram magicamente após a inserção europeia nesse território, já que existiam certas movimentações em direção a reformas, como no caso do Império Otomano, cujas primeiras reformas foram moldadas na década de 1730, estando atreladas a sensação de enfraquecimento e inferioridade das tropas do império, por isso uma reforma no sistema bélico era vista com bons olhos pela elite otomana (Hourani, 2005, p.62). Portanto, é importante cultivar uma visão que desloque a modernidade árabe da posição de receptáculo passivo, como diz Patel ao declarar que a *Nahda* foi o produto de uma combinação de desenvolvimento nativo e assistência externa (Patel, 2013, p. 16).

Mahjar: a Nahda no além-mar

O impacto da *Nahda* se deu de forma tão profunda que sua influência não ficou circunscrita ao território árabe. Na medida em que os fluxos migratórios passaram a se intensificar no mundo árabe ao longo da segunda metade do século XIX, consequentemente os ideais de renovação foram levados na bagagem. No Brasil, esse fluxo se iniciou no final da segunda metade do século XIX. Os números são bastante incertos por uma série de fatores, mas há um esforço para tentar mapear, mesmo que parcialmente, o tamanho desse deslocamento. A incerteza em relação a esses números pode ser explicada pelo fato de o sistema de registro de imigrantes à época ser deficitário, além de muitos imigrantes serem registrados como turcos, já que quando chegavam em solo brasileiro possuíam o passaporte do Império Turco-Otomano (Hassan, 2017, p, 544), o que provavelmente implicou em uma subnotificação de imigrantes de origem árabe.

Embora os números sejam incertos, a realidade nos proporciona a dimensão deste fluxo migratório. Segundo pesquisa elaborada pelo IBGE, o Brasil possui a maior comunidade libanesa fora do Líbano. Na verdade, o número de descendentes de libaneses no Brasil é tão grande que ultrapassa a própria população do Líbano⁴.

A imigração árabe nas Américas resguarda singularidades quando comparada a outros fluxos migratórios. É sabido que, geralmente, os imigrantes árabes recusaram o colonato rural e fixaram-se nos centros urbanos, ao contrário dos imigrantes europeus que num primeiro momento serviram como mão de obra rural para preencher a lacuna deixada pelo excedente escravizado recém alforriado. Tantas singularidades trouxeram consequências também singulares no seio desta comunidade, como por exemplo a formação de uma camada de intelectuais árabes vivendo nos territórios de emigração.

É esse contexto de produção intelectual e literária de imigrantes árabes em condição de diáspora que é conhecido como *Mahjar*, termo que pode ser traduzido literalmente como “lugar para qual se migra”. Essa literatura produzida no *Mahjar* não pode ser entendida como um movimento no sentido literário do termo, isso porque não há uma homogeneidade entre os autores que produziam literatura ao longo de toda a extensão do território americano. Isso é, não há uma homogeneidade em relação a temas e formas literárias, já que algumas características extraliterárias foram compartilhadas. Entre essas características podemos citar o papel da imprensa na comunidade intelectual da diáspora árabe, assim como o florescimento de uma efervescente produção intelectual no seio desta comunidade emigrada, com a produção de periódicos, revistas, suplementos literários e boletins informativos.

Essa imprensa emergente na diáspora pode ser entendida enquanto o prolongamento do despertar das letras árabes (Zeghidour, 1982, p, 49) ao trazer a profícua cultura da imprensa da *Nahda* aos territórios americanos. Não apenas o meio de difusão de conhecimento foi transposto ao território emigrado, mas o projeto de repensar a identidade árabe na modernidade também foi, em alguma medida, preservado pelos emigrantes, como pontua Curi ao dizer que o *Mahjar* tinha como objetivos “não somente discutir as questões políticas, sociais e culturais dos países de origem, mas também promover um novo projeto de civilização, a reconstrução da identidade árabe [...]” (Curi, 2021 p.253). Este projeto modernizante foi marca do pensamento produzido tanto na América do Norte quanto na do Sul:

Tanto na América do Norte como na América do Sul, o principal objetivo destas novas sociedades era preservar a língua e a literatura árabe no “Novo Mundo”, trazê-la ao nível que atendesse às exigências da literatura mundial moderna, bem como trazer inovações e criar a literatura com ideias criativas (Ibrahimova; Jafarov, 2013).

A imprensa foi a pedra angular da difusão de tal projeto. No caso do Brasil, os periódicos encabeçados por imigrantes árabes foram especialmente profícuos, Sáfady (1972) contabilizou mais de quatrocentos títulos de diferentes produções impressas

⁴ <https://www.jusbrasil.com.br/noticias/brasil-tem-a-maior-colonia-libanesa-no-mundo/2155331>. (Último acesso em 08/10/2024).

árabe-brasileiras em todo o Brasil durante 1900 e 1970. Só em São Paulo concentrou-se cerca de cem destes títulos.

A imprensa do *Mahjar* desempenhou um papel fundamental no pensamento árabe como um todo, o estrato intelectual da colônia preservou um forte laço com a comunidade que fora deixada para trás. Vale ressaltar que até mesmo o nacionalismo árabe foi bastante difundido na imprensa da diáspora. Um exemplo ilustrativo disso foi o intelectual nacionalista libanês Antun Sadeh, fundador do Partido Social Nacionalista Sírio e que encabeçou um periódico em São Paulo onde discorria sobre sua ideia de nacionalismo, tendo como influência sua experiência na diáspora (Bercito, 2019). Ainda nessa linha, Schumann e Fahrentold indicam o papel do *Mahjar* enquanto formação de um laço direto entre emigrados e terra natal, já que o movimento representou um importante instrumento de diálogo com a política do Oriente Médio, criando uma “esfera pública transregional” (Schumann, 2004, p. 601).

A imprensa árabe no Brasil teve uma vida consideravelmente longa, se pensarmos que o primeiro periódico a ser publicado aqui data de 1895. Intitulado al-Fayḥā’ (الفيحاء), foi publicado na cidade de Campinas. É incerto datar de maneira precisa qual foi o último periódico, uma vez que as publicações passaram paulatinamente por transformações e foram perdendo seu viés original, mas poderíamos tomar a década de 50 como período de derrocada por ser esse o período da despolitização dos periódicos e da sua transformação em coluna social. Sua extensão territorial também é considerável, já que as publicações não ficaram restritas às regiões Sul e Sudeste, embora houvesse uma maior centralidade de imigrantes árabes nos centros urbanos dessas regiões. Exemplo disso é a publicação de periódicos no Norte do país, como o Abu-Nuwas (أبو نواس) e o al-Amazon (الأمزون).

Todo o legado deixado pela imprensa árabe no Brasil ainda é pouco estudado, até muito recentemente não havia pesquisas sistemáticas voltadas a destrinchar o gigantesco volume de páginas deixadas pelos imigrantes árabes. Isso talvez se explique pelo fato da literatura desenvolvida no *Mahjar* sul-americano ser considerada “menos relevante” que a literatura difundida no contexto norte-americano por parte de arabistas ocidentais, como aponta Nijland (1987, p.102). Isso porque a literatura produzida na América do Norte é marcada por um forte teor disruptivo em relação à literatura árabe clássica, ao passo que a literatura da América do Sul é marcadamente mais tradicional e conservadora.

Embora o *Mahjar*, em geral, resguarde algumas semelhanças extraliterárias ao longo do território americano, como a atividade jornalística, por exemplo, a produção literária cultivada na América do Norte foi distinta da produção sul-americana. Para explicitar melhor essa dicotomia, tomemos como exemplo a literatura produzida no Brasil e nos Estados Unidos, dois países com um intenso fluxo migratório sírio-libanês e com uma considerável produção literária. Badawi ressalta que a poética produzida no contexto sul-americano foi mais tradicional na medida em que não se distanciou da tradição clássica, pelo contrário, se aproximou dela na tentativa de preservar essa tradição:

No geral, aqueles que se estabeleceram na América Latina são menos extremistas e certamente menos unânimes na sua reação contra a cultura árabe tradicional; tanto na sua teoria como na sua prática, mostram mais preocupação com a preservação dos valores culturais tradicionais (Badawi, 1975).

Outro traço fortemente característico entre os autores do *Mahjar* sul-americano é o caráter político, marcado pela intensa presença do nacionalismo e do panarabismo no pensamento desses autores. Obviamente, não havia uma homogeneidade absoluta entre os poetas e intelectuais da diáspora. Entretanto, entre os mais prestigiados autores que migraram para essa parte da América, a política anticolonial configurou um traço marcante de suas poéticas, como Elias Farhat e Rachid Salim al-Khury. Apesar de raras exceções, podemos pensar que os ideais nacionalistas e o apego à tradição moldaram a poética árabe do *Mahjar* sul-americano, já que para muitos desses poetas parecia haver a urgência de resgatar a tradição árabe clássica como fator estruturante da identidade árabe moderna, sem deixar de lado os fatores políticos que impactavam o Oriente Médio.

Já os autores da América do Norte expressavam uma poética oposta. A tendência modernizante característica dos autores dos Estados Unidos foi encabeçada pelo libanês Gibran Khalil Gibran (1883-1931). Adonis classifica a poesia disruptiva de Gibran como “portadora de um clima revolucionário, moral e místico que converte a poesia em um feito de vida e fé” e segue dizendo que com Gibran “se inicia na poesia árabe visões modernas que buscam mudar o mundo, descrevê-lo, lamentá-lo e explicá-lo” (Adonis, 1976 p. 64). Essa tendência modernizadora foi compartilhada por uma leva de autores que residia na América no Norte, mais precisamente nos Estados Unidos e desse compartilhamento de tendências nasceu “A Liga da Pena”. A Liga da Pena (al-rābiṭa al-qalamiyya/ الرابطة القلمية) foi criada em 1916, em Nova York, por Nasib Arida e Abd al-Masih Haddad. Em 1921 o grupo passa por uma reestruturação, quando o poeta libanês Gibran Khalil Gibran é indicado como diretor. A ideia que rondava o grupo como um todo era a de que a qaṣīda, o verso poético canônico árabe por excelência, já não era capaz de abranger as novidades e contradições da modernidade, o que não implicava em renegar toda a tradição árabe, apenas buscar novas fontes de inspiração e novas formas literárias no projeto de revitalização da literatura árabe (Lillo, 2009, p. 353).

Os autores da Liga da Pena buscavam inspiração tanto em autores do romantismo ocidental, como William Blake, assim como nos poetas árabes da era clássica, como al-Mutanabbi. Se pensarmos em uma perspectiva literária, o legado deixado pelos autores da América do Norte representa um ponto paradigmático para a literatura em língua árabe. Entretanto, a importância dos autores do Norte em nada diminui a relevância dos autores alocados abaixo da linha do Equador, já que embora os autores do Sul não tenham deixado marca paradigmática na transformação literária em língua árabe, tiveram um importante papel na construção do nacionalismo árabe:

[...] apesar da obra dos principais escritores do *Mahjar* sul-americano, em contraste com A Liga da Pena na América do Norte, não ter tido tanto impacto nos rumos da poesia árabe, suas obras desempenharam um papel significativo na cultura árabe devido o apoio, e até o envolvimento direto, nas políticas nacionais da terra natal e no movimento Pan-Arabista. (Civantos, 2015).

Para além da contribuição política, o *Mahjar* latino-americano também deixou um vasto legado literário. O fato de a literatura produzida na América Latina não coadunar com as perspectivas renovadoras do Norte não deveria reduzir esse legado como algo de importância inferior.

A Revista da Liga Andaluza de Letras Árabes

No ano de 1933, no coração da cidade de São Paulo, mais precisamente na sala número 1223 no 12o. andar do Edifício Martinelli, um grupo de imigrantes árabes criou A Liga Andaluza, um espaço que pode ser enquadrado em uma zona limítrofe entre associação cultural e clube literário. Esse grupo, composto por parte da parcela intelectual de imigrantes árabes em São Paulo, se reunia para discutir assuntos relacionados à arte, cultura e literatura. Desses encontros nasceu A Revista da Liga Andaluza de Letras Árabes, ou *Majallat Al'ushba Al'andalusiyya* (مجلة العصبية الأندلسية), periódico mensal da Liga Andaluza. A publicação era voltada sobretudo à literatura, que veiculou a produção literária dos membros da Liga e outros autores, assim como publicou muitos artigos sobre literatura. Embora o conteúdo literário fosse hegemônico, seu conteúdo não era circunscrito ao tema: política, religião e linguística, por exemplo, eram temas debatidos em suas páginas.

A Liga Andaluza tinha seus membros fixos, que consequentemente eram autores regulares do periódico. Entre eles podemos citar Michel Bek Maluf, fundador da Liga; Habib Massoud, editor-chefe da revista; Rachid Salim al-Khury e Chafic Maluf, ambos poetas publicados em periodicidade mensal; o segundo chegou a ocupar o posto de Michel após seu falecimento. Além da veiculação da literatura produzida pelos membros da Liga, a revista também publicava outros autores árabes que não eram membros oficiais, fossem autores da diáspora ou que residissem no mundo árabe. Além disso, a literatura em outras línguas, que não a árabe, também tinha lugar cativo nas páginas do periódico e muitos artigos sobre autores europeus foram veiculados ao longo dos anos. A literatura brasileira também teve seu destaque, com a tradução de autores como Olavo Bilac, Castro Alves e Menotti Del Picchia.

A Revista da Liga foi um dos mais longevos periódicos da diáspora árabe latino-americana, tendo sido publicado de janeiro de 1935 até novembro de 1953. Entretanto, a revista não circulou de maneira ininterrupta ao longo desses 18 anos, pois durante 6 anos, entre 1941 e 1947, a circulação do periódico foi encerrada devido às políticas nacionalistas da Era Vargas, que proibiam a veiculação da imprensa em língua estrangeira. Devido a essas mesmas políticas, entre 1939 e 1941 a língua árabe perde sua hegemonia na revista, que passa a ceder à língua nacional do Brasil um pequeno espaço no escopo das publicações mensais. A partir de 1947, as publicações retornam inteiramente em árabe e seguem assim até 1953, ano do término definitivo.

Como já foi dito, a literatura era o conteúdo preponderante do periódico, entretanto artigos políticos também eram muito veiculados, sobretudo no período de 1935 a 1941. Na retomada, em 1947, esse teor político é ofuscado paulatinamente até ser totalmente extinto nos anos finais. Esse conteúdo político raramente tinha caráter autoral, quase toda a totalidade dos artigos com temas políticos são traduções de artigos estrangeiros publicados em grandes veículos internacionais, como *Le Figaro* e *The New Yorker*. As páginas finais da revista eram reservadas para as colunas fixas de anedotas e notícias mundiais. Já as primeiras páginas eram voltadas para um texto longo, sem autoria, com um tema central a ser destrinchado. Geralmente, esses textos tinham como tema a literatura, portanto nessas páginas debates literários eram travados.

Essas mesmas primeiras páginas também serviam como uma espécie de editorial em ocasiões específicas. Mais precisamente, em quatro momentos há editoriais fundamentais: na primeira edição, na edição que antecede o hiato, a edição de retomada

e a última edição. Esses editoriais servem como um mapa para destrinchar a história da revista e compreender os altos e baixos de sua história.

1935 – 1939: Os anos iniciais

A primeira edição da revista traz um editorial em suas primeiras páginas. Ele serve basicamente como uma introdução à comunidade leitora, trazendo seus princípios, valores e a sua visão do que é, ou deve ser, a literatura. Algo que chama a atenção nesse primeiro editorial é a relação entre política e literatura, que se mostra bastante delicada para os autores da Liga. Há um esforço consciente para manter a literatura e a política separadas, criando uma dicotomia entre elas. Isso é evidenciado pelo próprio lema da Liga Andaluza: “o que a política erode, a literatura constrói”. A *Revista da Liga Andaluza*, desde este primeiro número, parece querer se erigir como um espaço onde a literatura se aparta profundamente da política, como expressa o primeiro editorial:

O princípio basilar desta revista não é senão aquele adotado no regimento da Liga Andaluza “o que a política erode, a literatura constrói”. Sendo assim, esta revista não apresenta conteúdo político, a não ser em forma de pesquisas amplas e honestas endereçadas ao estudo e análise livre de vieses e paixões, nem confronta religiões ou credos, a não ser em contextos históricos e com a intenção apenas de extrair benefícios, sem qualquer tipo de perniciosidade, tampouco atinge personalidades, independentemente de sua direção.⁵

Assim, a revista sustenta uma postura de neutralidade, alegando que seu conteúdo político está livre de inclinações ideológicas, e que os artigos sobre religião também são apresentados sem viés.

No que diz respeito à literatura, percebe-se um preciosismo que tende a uma idealização do ato de escrever, elevando-o ao status de arte nobre e ameaçada, que deve ser preservada. É notável também a recorrente referência ao passado, estabelecendo um contraste entre um passado glorioso e um presente em declínio. O editorial idealiza o papel social da literatura, associando a força e a qualidade de um sistema literário nacional ao progresso técnico, científico e social de um país, sugerindo que uma literatura vigorosa é fundamental para o desenvolvimento nacional.

As sociedades não são capazes de prosperar sem uma literatura emancipada, o comércio e a indústria por si só não garantem respeito e refinamento, pois a moral e a força de uma nação são correspondentes à força de sua literatura. Ao esquecê-la, uma nação deixa de ser viva frente aos seus problemas para persistir em suas crises, uma vez que perde-se a luz que a guia na escuridão das catástrofes, perde-se a determinação que a impulsiona e também o espírito que propaga a força da renovação. Tudo o que nos maravilha e impressiona nas nações vizinhas, o avanço nas ciências, indústria e artes, é resultado da força literária. A parcela de vida, preparação e elevação de uma pátria é equivalente à parcela desta força, que não opera máquinas, não tece roupas e não planta

ليس للمجلة مبدأ غير المبدأ الأساسي الذي اتخذته العصبة الأندلسية دستوراً لها في قانونها وهو يستوعب من شعارها "ما تهدمه السياسة بينية الأدب" فهي لا تعرض للسياسة، 5 لا في الأبحاث العامة النزيهة التي يقصد منها الدراسة والرواية الخالصة من الأغراض والأهواء، ولا تتصدى للأديان أو للمذاهب إلا في المواقع التاريخية والعلمية التي يراد منها الإفادة المطلقة دون أقل مس ولمز، ولا تلامس الشخصيات أيا كان وجهها (Tradução nossa)

sementes, ela supera a máquina, a tecelagem e a plantação. Ela é a gênese do pensamento, fruto do que há nas mentes luminosas e nas almas despertas, a luminosidade e o despertar é o que expressamos através da literatura.⁶

A literatura é explicitamente valorizada por seu mérito moral e humanístico pelos autores da Liga, ecoando uma visão positivista que vê a literatura como um meio de promover a coesão social, valores e princípios. Assim, a literatura é considerada uma ferramenta educativa e moralizante, capaz de transmitir conhecimentos e valores que fomentam a harmonia e a estabilidade social.

Outro ponto importante a destacar no editorial é a constante alusão à tentativa de expressar uma boa imagem da comunidade árabe, ponto que se mostra como objetivo central dessa empreitada jornalística. Segundo o texto:

Nossa intenção é mostrar uma bela imagem de nossa comunidade, nos afastando das disputas em que fantasias de rancor e ódio colidem com paixões, representar uma literatura cujo mar seja livre das ondas de calúnia e propaganda, apresentar o que há de refinado em nossa comunidade, a ilibada moral inerente a este povo distinto, cuja alma é livre das impurezas de toda sorte de fanatismo. Dizem que a imprensa é o espelho da nação e nós gostaríamos fazer de nosso jornal um espelho reluzente onde se reflete a pura face de nossa comunidade, não a face empoeirada pelo sectarismo, mas sim seus traços admiráveis, seu desenvolvimento social e, sobretudo, a força literária de nossas comunidades espalhadas pelo mundo, que hoje se encontra em posição digna de inveja.⁷

Parece que há um esforço da parte dos intelectuais da Liga de afastar a comunidade árabe dos estereótipos históricos, pois desde a chegada das comunidades sírio-libanesas ao Brasil, o preconceito causado pelo estranhamento da língua e dos costumes do Levante foi uma realidade enfrentada por esses imigrantes.

Com base no editorial da primeira edição, podemos concluir que os principais intuitos da revista eram: separar a política da literatura, apartando a criação literária do campo político; revigorar a literatura árabe, tendo como referência a literatura árabe clássica, o que não implica em negar a modernidade e suas características, mas antes tomar a tradição clássica como norte para a revitalização da literatura árabe; revitalizar o que esse grupo intelectual julga ser a função social da literatura, isso é, posicionar o fazer literário como um dos pilares de sustentação de qualquer modelo de sociedade; reafirmar uma boa imagem da colônia árabe na diáspora.

على أن الجماعات لا يمكنها أن نحيا بلا أدب منزله ، والمتاجر والمصانع وحدها هي أبعد من أن تضمن لها الاحترام والمستوى الرفيع ، لأن الاخلاق وهي عمد الأمم إنما 6 اقوى في الأمة بمقدار قوة ادبها ، فإذا فقدتها فقد بطلت أن تكون أمة حية تجابه أزمت الحياة ودأب عليها لأنها تكون قد فقدت النور الذي يهديها في غياهب نكباتها والعزم الذي يدفعها والروح التي تثبت فيها القوى المجددة . وان كل ما نعجب به وندهش له في الأمم الجارة من تقدم في العلوم والصناعات والفنون هو نتيجة قواها الأدبية. ونصيب الأمة من الحياة والمعد والرفعة قدر نصيبها من هذه القوى التي قد يحسبها البعض وهما لا تدير الة ولا تنسج ثوبا ولا نبت زرعاً وفاتهم ان الآلة والنسيج والزرع هي نشينة الفكرة (Tradução nossa) والفكرة هي وليدة ما في الأذهان من نور وما في النفوس من بقطة والنور والبقطة هما ما نمير عنه بالأدب

نما نحن نريد أن نبرز صورة صبيحة وضئمة لمجموعنا لا أن نعرض صورة تتزاحم فيها خيالات الشحنة والبغضاء وتصادم الأهواء ، وأن نتمثل أدبا لا أربا تتلاطم في 7 بحره امواج السعاية والدعاية ، وأن نعرض مثالا أنيقا من مجموعنا صقل أخلاقه احتكاكه بالشعوب الراقية وخلصت نفوسه من شوائب أنواع التعصب وقد قيل الصحافة مرآة الأمة ونحن نحسب ان نجمل صحيفتنا مرآة جليلة نقية ينعكس عليها وجه جاليتنا النقي الغض لا وجهها الذي غيرته سافيات الانشقاق والشاكي ، وشامها الذي يذكر بالإعجاب، (Tradução nossa) وتمامها الاجتماعي الذي تطرأ عليه ، وأخيراً قواها الأدبية التي تحلها في مقام تحسدها عليه جولينا المنتشرة في العالم

1939 – 1941: os anos intermediários

Entre 1939 até 1941, as edições do ano V, VI e VII circularam de maneira ininterrupta. Esse período foi marcado por intensas ebulições políticas no mundo e no território brasileiro, que impactaram diretamente a revista em sua estrutura e na continuidade de sua publicação. Embora o mundo testemunhasse os países Aliados declararem guerra à Alemanha em setembro de 1939, o que de fato influenciou os rumos da revista foram eventos domésticos, isso é, as políticas de cunho profundamente nacionalistas de Getúlio Vargas, radicalizadas a partir de 1937.

A partir de 1938, os decretos para “regularizar” a imprensa estrangeira no Brasil passam a se intensificar (Weber, 2020, p. 30). Mesmo com essa forte censura, a revista da Liga conseguiu manter sua atividade até 1941, ano de sua interrupção. Mas a partir de 1939, houve um movimento para o “abrasileiramento” do periódico: a edição dupla 7 e 8 do ano V (1939) inaugura o período bilíngue da revista, com uma seção em língua portuguesa ao final da revista. Em 1938, entra em vigor o decreto que demandava a presença de funcionários brasileiros ou naturalizados nas redações estrangeiras: “esse mesmo decreto-lei que indicava a possibilidade de manutenção de periódicos em língua estrangeira em áreas não rurais exigia, por outro lado, que os trabalhadores da imprensa (jornalistas, revisores, fotógrafos) fossem brasileiros natos ou naturalizados” (Weber, 2020, p.31). Não é possível dizer se a redação da Liga possuía funcionários brasileiros ou naturalizados, mas o fato é que o periódico continuou a ser publicado até julho de 1941.

Nessa fatídica última edição de 1941, o artigo inicial veiculado é uma despedida ao público leitor. Intitulado “A última palavra”⁸, os membros da Liga tomaram aquele momento como o fim definitivo da revista, o que de fato não aconteceu, já que em 1947 a publicação é retomada. Entretanto, o texto que anuncia esse suposto final tem um teor melancólico e com certa coloração de ressentimento para com a situação política de então.

Com essas palavras nos despedimos dos leitores que nos acompanharam em nossa empreitada periodista, nos despedimos da língua clássica em uma despedida que pode não resultar em um reencontro. Nos despedimos desta muda literária que regamos com o suor de nossos esforços e cultivamos com o sangue de nossos corações, dedicamos a ela o desvelo absoluto, cuidamos dela como uma mãe cuida de uma criança e a protegemos como se protege a uma donzela, até ela ser surpreendida pelo vento de um vendaval intempestivo que extirpou suas raízes, deixando apenas rastros. Quis a política - e quão cruel foi a política com a literatura - silenciar as penas em língua estrangeira neste lar, e por isso também nossa pena se silenciou, o que elipsou os suspiros da “Liga”. Do dia para a noite ela tornou-se uma língua muda, uma fonte seca, espectro de uma era esplendorosa e o eco de doces memórias. A Liga foi um jardim visitado pelos rouxinóis da literatura e em suas folhagens ecoavam os trovadores árabes.⁹

8 الكلمة الأخيرة (Tradução nossa)

9 بهذه الكلمة نودع قراءنا الذين رافقونا في مرحلتنا الصحافية ، ونودع الفصحى وداعاً قد لا يكون بعده لقاء ، ونودع هذه الغرسة الأدبية التي سقيناها عرق جهننا وغذيناها 9 حبة قلبنا وتعهدها بأقصى عنايتنا وحنونا عليها حنو المرضع على طفلها وخفرتها كما تخفر العذراء ، حتى دهمتها ريح لفوح هوجاء اقتلعت أصولها وتركتها أثراً بعد عين. شاءت السياسة – وكما جنت السياسة على الأدب - أن تسكت الأقلام الأجنبية في هذه الديار فسكت معها قلمها وتصمرت بكونه أنفاس «العصية» فإذا هي بين ليلة وضحاها لسان أبكم ومعين ناضب وشبح لعهد نضير وصدى لذكريات عذبة ، وقد كانت روضة تتوارد إليها بلابل الأدب وتتجاوب في خمائنها صواح العربية (Tradução nossa)

Ao longo do texto não há nenhuma menção explícita ao governo, o que pode ser explicado pela fragilidade da posição da imprensa estrangeira e da própria condição subalterna dos imigrantes. Em um dos decretos editados em 1939, Vargas postulou penalidades para os jornais estrangeiros:

- d) quando fizer direta ou indiretamente campanha dissolvente e desagregadora da unidade nacional;
- h) quando tentar diminuir o prestígio e a dignidade do Brasil no interior e no exterior, o seu poder militar, a sua cultura, a sua economia e as suas tradições;
- i) quando fizer a propaganda política de ideias estrangeiras contrárias ao sentimento nacional (art. 131, Decreto-lei 1939) (Weber, 2020).

Apesar de todo o teor melancólico da despedida, parece haver um certo sentimento de orgulho em relação aos frutos que esse empreendimento literário e intelectual gerou. A tentativa de instalar uma “nova Al-Andalus” na diáspora foi bem-sucedida na visão dos autores, na medida em que uma robusta produção intelectual passou a figurar no seio da comunidade e conseguiu estabelecer fluxos com a terra natal.

Os filhos da língua árabe no Brasil renovaram um período histórico de Al-Andalus ao fazer tremular a bandeira da literatura e construir para a língua árabe castelos grandiosos. As rimas de seus poetas ecoavam em ambos os mundos, e o ranger do cálcamo de seus escritores ressoava no Levante e no Poente. Tal época terminou levando entre suas dobras nomes imortais da história da literatura árabe, preservando em suas túnicas uma página gloriosa entre as páginas de heroísmo e sacrifício, escritas pelo intelectual árabe com o sangue de seu coração e não com a tinta de sua pena.¹⁰

Das palavras de despedida, pode-se depreender que há um sentimento ambíguo a rondar a declaração final da Liga. Por um lado, parece haver um orgulho pelo sucesso da empreitada intelectual desprendida na diáspora, que logrou consolidar um fluxo literário transnacional; por outro, há a frustração em lidar com contingências que escapam ao controle, impondo o que os autores acreditavam ser um fim precoce e abrupto de um projeto cujo desvelo foi intensa e longamente cultivado. Entretanto, esse editorial de despedida se revelou apenas como um até logo, já que seis anos depois, em 1947, a revista retornaria às prensas.

1947 – 1953: os anos finais

Após o fim da Segunda Guerra e a saída de Getúlio Vargas da presidência, o ambiente sociopolítico brasileiro se encontrava consideravelmente menos caótico. Em 1947, dois anos após o fim da guerra e do primeiro governo de Vargas, a *Revista da Liga Andaluza* retoma suas atividades. Esse período, sob vários aspectos, pode ser considerado de renovação para o periódico, pois após o hiato de seis anos a revista

لقد جدد أبناء العربية في البرازيل حقبة من عهد الأندلس رفعوا فيها للأدب أعلاماً خفاقاً وبنوا للعربية صروحاً شامخة، فكانت القوافي شعراتهم تردد في العالمين وصرير أقلام كتابهم يتجاوب في الخافقين. ولست تلك الحقبة طابوة في ثناياها أسماء خالدة في تاريخ الأدب العربي، وحافظت في غلائلها صفحة مجيدة من صفحات البطولة والتضحية التي كتبها الأديب العربي بدم قلبه لا بحبر قلمه (Tradução nossa)

retorna com transformações significativas. Entre elas podemos citar a mudança na direção da revista. Michel Maluf deixou de ser o diretor do periódico e na nova estrutura Chafic Maluf assumiu como diretor, Rachid Salim al-Khury como vice-presidente e Habib Massoud manteve-se como redator-chefe.

Além disso, o conteúdo da revista também passou por mudanças significativas, com temas outros que não a literatura tornando-se cada vez mais enfraquecidos, resultando em um processo de despolitização do periódico nos três últimos anos da revista. No entanto, isso não significa que os temas políticos foram completamente ignorados nos anos finais, pois de 1947 a 1950 ainda circulavam artigos políticos. De maneira geral, é possível afirmar que as edições passaram a ser mais homogêneas, isso é, as publicações se tornaram com aspecto mais padronizado, com maior tendência à regularidade de colunas e continuidade de temas explorados.

A edição de retomada também traz um editorial que faz um balanço dos últimos anos e explicita suas posições e pensamentos, como ocorre na primeira edição e na da interrupção. Grande parte desse artigo inicial é voltada para reforçar os ideais literários do grupo e explicitar o compromisso dos autores com o refinamento literário e com o jornalismo que tem como missão educar as massas, havendo uma repetição do discurso presente nos editoriais anteriores. Nesse editorial, há duas passagens dignas de breves observações. A primeira delas faz alusão à guerra e explicita sem rodeios a visão da Liga sobre os Aliados:

Na última guerra nós apoiamos os Aliados, pelo apoio às causas dos povos mais fracos, e nós nos incluímos entre eles, a Alemanha e seus aliados violaram o respeito a esses povos, manipularam levemente a liberdade deles e destruíram lares ao seguirem o lema: os fins justificam os meios. Acreditávamos que se não obtivéssemos nossa liberdade pela mão dos Aliados, não a obteríamos pela mão de seus inimigos, e a realidade foi ao encontro de nossa crença; hoje a Síria e Líbano desfrutam de liberdade e gozam de sua total independência.¹¹

A outra passagem diz respeito ao cenário nacional: é interessante notar que mesmo após o fim do regime varguista não há uma crítica contundente ao período de repressão nacional, o teor do discurso sempre traz as políticas nacionalistas como subtexto do discurso.

A Liga possui uma mensagem literária que não se acabou, com sua ocultação por motivos bélicos em meados de 1941, ao contrário, continuou ansiando pelo dia em que a imprensa estrangeira conquistasse a liberdade para recuperar suas atividades e reiniciar sua missão literária. Ei-la, agora, emergindo de seu cativeiro, e se libertando em sua senda, como um fiel mensageiro que nada é capaz de impedi-lo de levar sua mensagem e de espalhar sua palavra. Entre a última palavra que emitimos na última edição da Liga e nossa palavra de agora, desespero e esperança colidem, e a lágrima que derramamos ontem pela literatura árabe no

لقد جدد أبناء العربية في البرازيل حقبة من عهد الأندلس رفعوا فيها للأدب أعلاماً خفاقاً وبنوا للعربية صروحاً شامخة، فكانت القوافي شعراتهم تردد في العالمين وصرير أقلام كتابهم يتجاوب في الخافقين. ولست تلك الحقبة طوبى في ثناياها أسماء خالدة في تاريخ الأدب العربي، وحافظه في غلالها صفحة مجيدة من صفحات البطولة والتضحية التي كتبها الأديب العربي بدم قلبه لا بحبر قلمه (Tradução nossa)

discurso de despedida se encontra com o sorriso de hoje, com a qual saudamos nossos leitores e nossa gente.¹²

Das palavras de despedida, pode-se depreender que há um sentimento ambíguo a rondar a declaração final da Liga. Por um lado, parece haver um orgulho pelo sucesso da empreitada intelectual desprendida na diáspora, que logrou consolidar um fluxo literário transnacional; por outro, há a frustração em lidar com contingências que escapam ao controle, impondo o que os autores acreditavam ser um fim precoce e abrupto de um projeto cujo desvelo foi intensa e longamente cultivado.

O editorial final

A edição dupla 7/8, publicada em novembro de 1953, foi a última publicada da *Revista da Liga Andaluza de Letras Árabes*. O número serve como uma espécie de balanço não só da empreitada intelectual levada a cabo pela Liga, mas da imprensa árabe como um todo. A edição traz artigos que se debruçam em traçar um balanço do desenvolvimento de um sistema literário árabe autônomo na diáspora brasileira, como por exemplo uma lista de todos os periódicos árabes publicados no Brasil. Os artigos presentes na edição indicam que a imprensa e a literatura são tão indissociáveis na literatura do *Mahjar* que para mapear essa produção literária é necessário se debruçar sobre a atividade da imprensa árabe.

Para além desse balanço, há também um último texto aos moldes dos editoriais anteriores, mas dessa vez o escrito se dá como uma carta endereçada aos leitores. A “Carta da Liga Andalus”, como é chamada, foi assinada por Habib Massaud. O autor se refere à diáspora árabe brasileira como a “nova Al-Andalus” e sugere, talvez de forma hiperbólica, que existe uma semelhança entre o sistema literário da antiga Al-Andalus e o criado no *Mahjar*. Deixando de lado o chauvinismo, a revisão feita pelo artigo confirma a tese de que a produção dos autores árabes no Brasil, em geral, havia atingido um ponto de saturação ou esgotamento.

Quanto aos jornais árabes que surgiram no Brasil desde o início da migração até hoje, eles superaram os cinquenta. Seu número chegou a cerca de vinte e cinco jornais e revistas antes da Segunda Guerra Mundial. Hoje, restam apenas duas revistas e três jornais.¹³

Exalta-se também o caráter de vínculo transnacional que a imprensa árabe representou, ressaltando o empenho em estabelecer a revista da Liga como um veículo para a disseminação da literatura e do pensamento brasileiro:

12 وإن للعصبة رسالة أدبية ما انتهت بإحبابها لدواع حربية في منتصف ١٩٤١ بل ما برحت تترقب اليوم الذي تطلق فيه حرية الصحافة الأجنبية لكي تستعيد نشاطها وتستأنف دعوتها الأدبية وها هي تخرج من أسرها وتتطلق في سبيلها كالرسول الصادق الذي لا يثنيه شيء عن تأدية رسالته ونشر كلمته وبين الكلمة الأخيرة التي أرسلناها في آخر جزء (Tradução nossa)

13 أما الصحف العربية التي ظهرت في البرازيل منذ بدء الهجرة حتى يومنا، فتجاوز الخمسين. وقد بلغ عددها قبيل الحرب العالمية، نحو من خمس وعشرين صحيفة بين 13 مجلة وجريدة، لم يبق منها إلا مجلتان وثلاث جرائد (Tradução nossa)

A Liga carrega mensalmente, em suas cento e vinte páginas, a produção dos escritores que se juntaram ao seu estandarte, e outros mais além deles. Sua mensagem é transmitir a literatura da diáspora para o Oriente Árabe, e a literatura do Oriente para a diáspora. Uma mensagem pela qual nossos corações se ergueram e nos impulsionaram a ela por amor a esta língua que exortou em nossos peitos. E a mensagem da Liga também é apresentar o mundo árabe às maravilhas do pensamento ocidental, especialmente o pensamento brasileiro.¹⁴

Outra questão abordada nessa avaliação final são as alegações de conservadorismo direcionadas aos autores da Liga. É notável que, embora pareça haver algum desconforto ao serem rotulados dessa maneira, não há uma negação de que a tradição está de fato intimamente ligada à prática poética do grupo. No entanto, isso não implica a rejeição de outras formas poéticas em árabe que não se circunscrevem à tradição, conforme expresso por Habib:

Finalmente, deparei-me com um artigo de pesquisa de alguém sobre literatura da diáspora, atribuindo o espírito de renovação aos literatos do Norte, nos dias em que Gibran os liderava, e acusando os irmãos da Liga Andaluza de aderirem a métodos antigos. Eu digo, se Gibran e alguns dos irmãos da liga literária foram pioneiros em novos pensamentos, isso não significa que cada escritor na América do Norte alcançou seu nível, ou que os literatos da Liga sejam conservadores, porque eles não nadaram nesses mares. No entanto, se por "métodos antigos" ele quer dizer formulações linguísticas e adesão às regras da linguagem, então não há espaço para o preconceito ou o desprezo nisso. Fawzi Maluf não criou uma nova atmosfera com seu "No tapete do vento", juntamente com o "Abkar" de seu irmão Chafiq, e o poeta campesino em seu "Abraço materno"? Mas se um novo pensamento requer um novo estilo, e o novo estilo requer uma ruptura da linguagem, desordem da estrutura e uma expressividade hermética, então eu não absolvo meus irmãos da acusação, mas declaro em alto e bom som que eles são mais conservadores do que Churchill e seus asseclas.¹⁵

A edição final da revista parece enfatizar os resultados de muitos anos de dedicação à produção intelectual e literária na diáspora. Esses resultados se manifestam em sua forma final na consolidação de um sistema literário autônomo e singular no território brasileiro. É verdade que esse sistema se mostrou frágil, pois não surgiu uma nova geração para continuar o trabalho. No entanto, todos os países do continente americano que tinham uma classe intelectual árabe organizada viram o declínio da produção literária em língua árabe. Isso nos leva a pensar que o fenômeno do enfraquecimento do *Mahjar* pode estar relacionado a processos históricos mais amplos.

تحمل «العصبة» شهرياً، في المائة والعشرين من الصفحات، نتاج الأدباء المنضمين تحت لوائها وغيرهم. ورسالة «العصبة» أن تنقل إلى الشرق العربي أدب المهجر، 14 وإلى المهجر أدب الشرق، وهي رسالة وقفنا لها قلوبنا ودفعنا إليها هيامنا بهذه اللغة التي حضناها في جوانحنا ورسالة «العصبة» أيضاً، أن تطلع العالم العربي، على بدائع

وقعت أخيراً على بحث لأحدهم في أدب المهجر، عزافيه روح التجدد إلى أدباء الشمال، يوم كان جبران يترجمهم، وأنهم اخوان العصبة الأندلسية بالمحافظة على الأساليب القديمة. أقول إذا كان جبران وبعض اخوان الرابطة القلمية، قد فتحوا بتفكيرهم جواء جديدة، فهذا لا يعني أن كل أديب في أميركا الشمالية بلغ شأؤهم، أو أن أدباء العصبة محافظون، لأنهم لم يسبحوا في تلك الجوار. أما إذا كان المراد من الأساليب القديمة الصيغة اللفظية، والمحافظة على ضوابط اللغة، فليس في ذلك موضع للغمز واللمز. ألم يخلق جواً جديداً فوزي المعلوف في بساط ريعه، وأخوه شفيق في عبقره، والشاعر القروي في حضن الأم؟ أما إذا كان التفكير الجديد يقتضي أسلوباً جديداً، والأسلوب الجديد يقتضي خروجاً على اللغة، وبليلة في التركيب، ووطانة في التعبير، فلست مبرئاً أخواني من التهمة، بل أعلن على رؤوس الأشهاد، أنهم محافظون أكثر من تشرشل وأعوانه (Tradução nossa)

Considerações finais

A *Revista da Liga Andaluza de Letras Árabes* foi um marco significativo na produção literária da diáspora árabe no Brasil. Sua longevidade e resistência frente às adversidades políticas e culturais demonstram a relevância do periódico como um espaço de reafirmação da cultura, literatura e identidade árabe, circulação de ideias e intercâmbio literário. Ao longo de suas publicações, a revista buscou consolidar uma visão da literatura como ferramenta de elevação moral e intelectual, reafirmando a importância da cultura árabe dentro de um contexto transnacional. No entanto, sua trajetória também reflete os desafios enfrentados pela imprensa estrangeira no Brasil, especialmente sob as políticas nacionalistas da Era Vargas, que impuseram restrições severas à publicação em línguas estrangeiras.

O fim definitivo da revista, em 1953, marca não apenas o encerramento de uma publicação, mas também o esgotamento de um modelo de produção literária que, apesar de sua relevância, não encontrou continuidade em gerações posteriores. O declínio da imprensa árabe no Brasil pode ser compreendido dentro de um contexto mais amplo de assimilação cultural e das transformações históricas e sociais vividas pelas comunidades da diáspora.

Apesar disso, a Revista da Liga Andaluza de Letras Árabes deixou um legado importante para os estudos sobre a literatura do *Mahjar* e para a compreensão da influência árabe na cultura brasileira. Seu papel como elo entre a literatura oriental e ocidental reafirma a importância de preservar e estudar as produções intelectuais da diáspora, que contribuíram para enriquecer o panorama literário do país.

Referências bibliográficas

- Adonis. (1976). *Introducción a la poesía árabe*. Madrid: Instituto de Estudios Orientales y Africanos.
- Badawi, M. M. (1975). *A critical introduction to modern Arabic poetry*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Bercito, D. (2019). Nacionalismo em uma nova Síria: Antoun Saadeh e o Mahjar Latino-Americano. *Malala: Revista Internacional de Estudos sobre o Oriente Médio e Mundo Muçulmano*, 7(10), 70–80. <https://www.revistas.usp.br/malala/article/view/153967>.
- Cachia, P. (2002). *Arabic literature: An overview*. Londres: Routledge.
- Civantos, C. (2015). Migration and diaspora. In D. F. Reynolds (Ed.), *The Cambridge companion to modern Arab culture*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Hassan, W. S. (2017). Brazil. In W. S. Hassan (Ed.), *The Oxford handbook of Arab novelistic traditions* (pp. 543–556). Nova York: Oxford University Press.
- Hess, S. V. (2017). *Inhitat – The decline paradigm: Its influence and persistence in the writing of Arab cultural history*. Wurtzburgo: Ergon Verlag.
- Hourani, A. (2005). *O pensamento árabe na era liberal: 1789–1939*. São Paulo: Companhia das Letras.

- Ibrahimova, S. A., & Jafarov, V. A. (2013). Literary societies that played an important role in the development of Arabic Mahjar literature. *International Journal of Humanities and Social Science*, 3(14). https://www.ijhssnet.com/journals/Vol_3_No_14_Special_Issue_July_2013/24.pdf.
- Jubran, S. A. A. C. (2004). Para uma romanização de termos árabes em textos de língua portuguesa. *Tiraz: Revista de Estudos Árabes e das Culturas do Oriente Médio*, 1, 16–29.
- Knowlton, C. S. (1965). *Sírios e libaneses: Mobilidade social e espacial*. São Paulo: Anhambi.
- Lillo, R. I. M. (2009). El mahyar del ayer al hoy: dimensión literaria y cultural. In *Contribuciones árabes a las identidades iberoamericanas* (pp. xx–xx). Madrid: Casa Árabe–IEAM.
- Nijland, C. (1987). A new Andalusian poem. *Journal of Arabic Literature*, 18, 102–120.
- Patel, A. (2013). *The Arab Nahdah: The making of the intellectual and humanist movement*. Edimburgo: Edinburgh University Press.
- Pormann, P. E. (2006). The Arab 'Cultural Awakening (Nahḍa)', 1870–1950, and the classical tradition. *International Journal of the Classical Tradition*, 13(1), 3–20. https://www.researchgate.net/publication/257228289_The_Arab_'Cultural_Awakening_Nahda'_1870-1950_and_the_classical_tradition.
- Sabbagh, A. N. (1978). *O meio ambiente na literatura árabe escrita no Brasil* (Tese de doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro).
- Sáfady, J. (1972). *A imigração árabe no Brasil* (Tese de doutorado, Universidade de São Paulo).
- Schumann, C. (2004). Nationalism, diaspora and 'civilisational mission': The case of Syrian nationalism in Latin America between World War I and World War II. *Nations and Nationalism*, 10(4), 599–617. <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/j.1354-5078.2004.00184.x>.
- Snir, R. (2023). *Contemporary Arabic literature: Heritage and innovation*. Edimburgo: Edinburgh University Press.
- Starkey, P. (2006). *Modern Arabic literature*. Edimburgo: Edinburgh University Press.
- Weber, A. F. (2020). Nacionalidade na imprensa e no rádio: Uma política de línguas na Era Vargas. *Linguagem em (Dis)curso – LemD*, 20(3), 491–502. <https://www.scielo.br/j/ld/a/3cXwMsBMKtnfNYPYsHNzgXN/?format=pdf>.
- Zeghidour, S. (1982). *A poesia árabe moderna e o Brasil*. São Paulo: Brasiliense.

DOI desta publicação: <https://doi.org/10.34024/rq3r6y92>.